

FASUL EDUCACIONAL **(Fasul Educacional EaD)**

PÓS-GRADUAÇÃO

BRAILLE

CONTEÚDO PROGRAMÁTICO

BRAILLE

DISCIPLINA: DEFICIÊNCIA VISUAL COM ÊNFASE EM BRAILLE
RESUMO
A deficiência visual, no Brasil, está presente em cerca de 18% da população, de acordo com o Censo de 2010. Dentre as pessoas que compõem a população brasileira, 24% declararam ter algum tipo de deficiência, sendo que, dessas, mais de 78% têm deficiência visual, ou seja, a maior parcela de pessoas com deficiência em nosso país é composta por deficientes visuais (IBGE, 2010). Esses dados mostram um número expressivo de pessoas que necessitam de melhores condições de vida, no que se refere a acessibilidade, reabilitação, lazer e convivência social, ou seja, há uma parcela significativa da população que precisa de atendimento na área de deficiência visual. No decorrer da história da humanidade, a deficiência foi percebida de diversas formas e as pessoas com deficiência foram, por muito tempo, excluídas da sociedade, confinadas e até mortas, por serem consideradas inaptas para o convívio social. A deficiência, caracterizada por uma alteração anormal de uma estrutura física, sensorial ou patológica, quando ocorre no sistema óptico humano, pode causar a cegueira total, ou apresentar limitações severas, evidenciando a baixa visão.
CONTEÚDO PROGRAMÁTICO
AULA 1 CONCEITOS SOBRE DEFICIÊNCIA CARACTERIZAÇÃO DA DEFICIÊNCIA VISUAL PRINCIPAIS CAUSAS DA DEFICIÊNCIA VISUAL DEFICIÊNCIA VISUAL NO BRASIL E NO MUNDO AULA 2 O DEFICIENTE NA HISTÓRIA SURGIMENTO DA EDUCAÇÃO DO DEFICIENTE VISUAL A PESSOA COM DEFICIÊNCIA VISUAL NO BRASIL A EDUCAÇÃO PARA A PESSOA COM DEFICIÊNCIA VISUAL NO BRASIL INTEGRAÇÃO X INCLUSÃO AULA 3 O PROCESSO ALFABETIZAÇÃO E A CRIANÇA COM DEFICIÊNCIA VISUAL O SISTEMA BRAILLE MÃOS QUE LÊEM A ALFABETIZAÇÃO POR MEIO DO SISTEMA BRAILLE MAIS RECURSOS PARA AUXILIAR A ALFABETIZAÇÃO EM BRAILLE AULA 4 TECNOLOGIA ASSISTIVA TIFLOTECNOLOGIA RECURSOS PARA A PESSOA COM BAIXA VISÃO RECURSOS FACILITADORES POR MEIO DA AUDIÇÃO RECURSOS TÁTEIS – A VISÃO NA PONTA DOS DEDOS

AULA 5

OM – O QUE É? PARA QUE SERVE?
CONCEITOS FUNDAMENTAIS PARA APRENDIZAGEM DE OM
DESENVOLVIMENTO DAS OUTRAS PERCEPÇÕES PARA OM
PROGRAMAS DE OM PARA PESSOAS COM DEFICIÊNCIA VISUAL
OM E EDUCAÇÃO INCLUSIVA – CURRÍCULO E AVALIAÇÃO

AULA 6

PROGRAMA DE ESTIMULAÇÃO VISUAL
AVALIANDO A CRIANÇA COM DEFICIÊNCIA VISUAL
ESTIMULAÇÃO PRECOCE: QUANTO ANTES, MELHOR!
PROPOSTAS DE INTERVENÇÃO
PROGRAMA DE ESTIMULAÇÃO VISUAL

BIBLIOGRAFIAS

- ACSM – American College of Sports Medicine. ACSM's exercise management for person with chronic diseases and disabilities. USA: Human Kinetics, 1997.
- BRASIL. Decreto n. 6.949, de 25 de agosto de 2009. Diário Oficial da União, Brasília, DF, 26 ago. 2009.
- BRUNO, M. M. G.; MOTA, M. G. B. da. Colaboração: Instituto Benjamin Constant. Programa de Capacitação de Recursos Humanos do Ensino Fundamental: deficiência visual. vol. 1, fascículos I – II – III. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Especial, 2001.

DISCIPLINA: **DEFICIÊNCIA VISUAL**

RESUMO

O surgimento da educação especial no contexto inclusivo surgiu juntamente com a evolução da história da pessoa com deficiência na sociedade. Grandes estigmas, paradigmas e rupturas ocorreram ao longo do tempo. Nesse sentido, esta disciplina irá recorrer à história da pessoa com deficiência para elucidar esta trajetória, da Antiguidade aos dias atuais.

CONTEÚDO PROGRAMÁTICO

AULA 1

A PESSOA COM DEFICIÊNCIA AO LONGO DA HISTÓRIA
A DEFICIÊNCIA VISUAL AO LONGO DA HISTÓRIA
TERMINOLOGIAS AO LONGO DA HISTÓRIA
CONCEITO DE DEFICIÊNCIA VISUAL
SISTEMA VISUAL – COMO FUNCIONA?

AULA 2

METODOLOGIA DE AVALIAÇÃO CLÍNICO-FUNCIONAL DA VISÃO
CAUSAS DA DEFICIÊNCIA VISUAL
PREVENÇÃO DA DEFICIÊNCIA VISUAL
ESTIMULAÇÃO ESSENCIAL
ESTIMULAÇÃO VISUAL: ATIVIDADES

AULA 3

ATENDIMENTO EDUCACIONAL ESPECIALIZADO
SOROBÃ
ALGUNS RECURSOS
ORIENTAÇÃO E MOBILIDADE
TECNOLOGIA E RECURSOS ÓPTICOS

AULA 4

HISTORICIDADE DO SISTEMA BRAILE
SISTEMA BRAILE: PRESSUPOSTOS INICIAIS
LETRAMENTO E COMPETÊNCIAS DIGITAIS PARA PESSOAS COM DEFICIÊNCIA VISUAL: BARREIRAS
DESENHO UNIVERSAL E DEFICIÊNCIA VISUAL
NEUROCIÊNCIA E DEFICIÊNCIA VISUAL

AULA 5

INCLUSÃO DE DEFICIENTES VISUAIS: ED INFANTIL
INCLUSÃO DE DEFICIENTES VISUAIS: ENSINO FUNDAMENTAL
INCLUSÃO DE DEFICIENTES VISUAIS: ENSINO MÉDIO E ADOLESCÊNCIA
INCLUSÃO DE DEFICIENTES VISUAIS: ENSINO SUPERIOR
INCLUSÃO DE DEFICIENTES VISUAIS: MERCADO DE TRABALHO

AULA 6

ADAPTAÇÕES CURRICULARES
TECNOLOGIAS APLICADAS E ASSISTIVAS
MATERIAIS DIDÁTICOS ADAPTADOS À DEFICIÊNCIA VISUAL
A ESCOLHA PROFISSIONAL
A PERDA DA VISÃO NA VIDA ADULTA

BIBLIOGRAFIAS

- ARANHA, M. S. F. Projeto Escola Viva: garantindo o acesso e permanência de todos os alunos na escola: necessidades educacionais especiais dos alunos. Brasília: Ministério da Educação, 2005.
- BRASIL. Direito à educação: subsídios para a gestão dos sistemas educacionais. Brasília: 2004.
- FUNDAÇÃO DORINA PARA CEGOS. O que é deficiência visual. Disponível em: <https://www.fundacaodorina.org.br/a-fundacao/deficiencia-visual/o-que-e-deficiencia/>. Acesso em: 12 mai. 2020.

DISCIPLINA:

ESTUDOS LINGÜÍSTICOS APLICADOS À LIBRAS

RESUMO

Ouvir é uma importante fonte de experiências sociais. Nenhuma incapacidade produz tantas dificuldades específicas em relação à comunicação e à linguagem do que a deficiência auditiva. Aprendemos a falar, a compreender a fala dos outros, a comunicar experiências e ideias; assim, podemos repassar o que ouvimos. Nesta disciplina veremos que é principalmente por meio da audição que adquirimos a linguagem, característica mais marcante ao ser humano. Não ter acesso à linguagem é não desenvolver em toda plenitude a capacidade linguística; é perder o direito de ser pessoa, em toda a abrangência da palavra. Os surdos estabelecem um sistema linguístico e, por meio do processamento das informações visuais-verbais, poderão acessar a simbolização e os conceitos.

CONTEÚDO PROGRAMÁTICO

AULA 1

LÍNGUA BRASILEIRA DE SINAIS
MITO: LÍNGUA DE SINAIS ÚNICA E UNIVERSAL
SURDO NO BRASIL
DIA NACIONAL DA LIBRAS

AULA 2

ALGUNS CONCEITOS DE IDENTIDADE E COMUNIDADES SURDAS
CULTURA SURDA
EDUCAÇÃO INCLUSIVA
ESCOLAS PARA SURDOS

AULA 3

LITERATURA VISUAL PARA O ENSINO DE LIBRAS
LÍNGUA PORTUGUESA PARA SURDOS
DESENVOLVIMENTO DAS ETAPAS DE ENSINO DA L1 PARA SURDOS
EDUCAÇÃO BILÍNGUE PARA SURDOS

AULA 4

COMO TRABALHAR COM SURDOS?
BREVE PANORAMA DAS LEIS EM VIGÊNCIA NO BRASIL
O CURRÍCULO E O DECRETO N. 5.626/2005
PRÁTICAS PEDAGÓGICAS E PARCERIA ENTRE PROFESSOR E TRADUTOR
INTÉRPRETE DE LÍNGUA DE SINAIS (TILS)

AULA 5

O SURGIMENTO DA PROFISSÃO NO BRASIL
PORTARIA N. 1.679, DE 2/12/1999 – MEC – ACESSO AO ENSINO SUPERIOR,
ATUALIZADA PELA PORTARIA N. 3.284, DE 7/11/2003
PRESSUPOSTOS DA INCLUSÃO
A LEGISLAÇÃO BRASILEIRA EM RELAÇÃO AO ALUNO SURDO

AULA 6

ANÁLISE HISTÓRICA DA EDUCAÇÃO INCLUSIVA
POLÍTICAS PÚBLICAS NA EDUCAÇÃO
POLÍTICAS PÚBLICAS VOLTADAS PARA A EDUCAÇÃO INCLUSIVA
A INCLUSÃO DE ALUNOS SURDOS E O ATENDIMENTO EDUCACIONAL
ESPECIALIZADO

BIBLIOGRAFIAS

- BRITO, K. F. S. et al. Regionalizações e variações linguísticas existentes na língua brasileira de sinais – Libras. In: REUNIÃO ANUAL DA SBPC, 63, 2011, Goiânia. Anais/Resumos... São Paulo: SBPC/UFG, 2011. Disponível em: <http://www.sbpnet.org.br/livro/63ra/resumos/resumos/1245.htm>.
- CAPOVILLA, F. C.; RAPHAEL, W. D. (Org.). Dicionário enciclopédico ilustrado trilingue da Língua de Sinais Brasileira. Volume II: Sinais de M a Z. 2. ed. São Paulo, SP: Edusp; Imprensa Oficial; Feneis, 2001.
- CARVALHO, P. V. de. Breve história dos surdos no mundo. Lisboa: Surd'Universo, 2007.

DISCIPLINA: LIBRAS
RESUMO
Esta disciplina tem por objetivo servir como material didático e proporcionar ao estudante um panorama geral da Língua Brasileira de Sinais (Libras), em sua materialidade linguística, através de estudos voltados para questões estruturais, e ainda, em seus diversos espaços de circulação como produto cultural.
CONTEUDO PROGRAMÁTICO
AULA 1 TERMINOLOGIAS O QUE É LIBRAS? POR QUE LIBRAS É UMA LÍNGUA? MARCOS HISTÓRICOS INES: INSTITUTO NACIONAL DE EDUCAÇÃO DE SURDOS AS LÍNGUAS DE SINAIS NO MUNDO E O GESTUNO
AULA 2 COMO SE COMUNICAR CORRETAMENTE COM OS SURDOS? AS IDENTIDADES SURDAS COMUNIDADE SURDA CULTURA SURDA O BILINGUISMO E A EDUCAÇÃO DE SURDOS
AULA 3 PARÂMETROS DA LIBRAS ALFABETO MANUAL NUMERAIS CARDINAIS, NUMERAIS PARA QUANTIDADES, NUMERAIS ORDINAIS APRESENTAÇÃO PESSOAL CUMPRIMENTOS
AULA 4 EXPRESSÕES GRAMATICAIIS EM LIBRAS ADVÉRBIOS DE TEMPO DIAS DE SEMANA CALENDÁRIO QUE HORA E QUANTAS HORAS
AULA 5 CLIMA/NATUREZA PRONOMES PESSOAIS E POSSESSIVOS EM LIBRAS CORES VALORES E SISTEMA MONETÁRIO FAMÍLIA E RELAÇÕES DE PARENTESCO
AULA 6 MEIOS DE TRANSPORTES PROFISSÕES ASPECTOS GEOGRÁFICOS DO BRASIL CODAS

TRADUTOR/INTÉRPRETE DE LÍNGUA DE SINAIS E PORTUGUÊS (TILSP)
BIBLIOGRAFIAS
- BRASIL. Decreto n. 5.626. Regulamenta a Lei n. 10.436, de 24 de abril de 2002, que dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais – Libras, e o art. 18 da Lei n. 10.098 de 19 de dezembro de 2000. Diário Oficial da União, Brasília, DF, 22 dez. 2005. - HONORA, M.; FRIZANCO, M. L. E. Livro ilustrado de língua brasileira de sinais: desvendando a comunicação usada pelas pessoas com surdez. São Paulo: Ciranda Cultural, 2009. - PIMENTA, N.; QUADROS, R. M. de. Curso de Libras 2: básico. Rio de Janeiro: LSB Vídeo, 2009.

DISCIPLINA:
EDUCAÇÃO ESPECIAL E INCLUSIVA NA PERSPECTIVA HISTÓRICO SOCIAL BRASILEIRA
RESUMO
Falar sobre a educação especial e a educação inclusiva é sempre um grande desafio. Este tema gera grande discussão e a necessidade cada vez maior de políticas públicas em relação a investimentos na área. A educação especial e a educação inclusiva têm que assegurar o direito de todos na participação efetiva na sociedade. No Brasil temos legislações específicas e uma história marcada por avanços quando nos referimos a esse tema, mas temos a consciência de que possuímos ainda um longo caminho para buscar a superação de alguns pontos nesse aspecto.
CONTEÚDO PROGRAMÁTICO
AULA 1 A EDUCAÇÃO ESPECIAL, A DIFERENÇA E A TRANSIÇÃO ENTRE INTEGRAÇÃO E INCLUSÃO DOCUMENTOS QUE ESTIMULARAM A ADOÇÃO DO PARADIGMA INCLUSIVO A INCLUSÃO E O NOVO OLHAR SOBRE A PESSOA COM DEFICIÊNCIA ALGUMAS MUDANÇAS NECESSÁRIAS NAS ESCOLAS PARA O CONTEXTO INCLUSIVO
AULA 2 EDUCAÇÃO ESPECIAL NA PERSPECTIVA DA EDUCAÇÃO INCLUSIVA POLÍTICA NACIONAL DE EDUCAÇÃO ESPECIAL NA PERSPECTIVA DA EDUCAÇÃO INCLUSIVA – DIRETRIZES INCLUSÃO ESCOLAR E A RELAÇÃO COM A IGUALDADE E DIVERSIDADE PRINCÍPIOS PARA ALCANÇAR A INCLUSÃO ESCOLAR E CONTEMPLAR A DIVERSIDADE
AULA 3 CONSTRUÇÃO DE UMA ESCOLA E SOCIEDADE INCLUSIVA CURRÍCULO NA ESCOLA INCLUSIVA O MINISTÉRIO PÚBLICO E A EDUCAÇÃO INCLUSIVA EMPREGABILIDADE DA PESSOA COM DEFICIÊNCIA
AULA 4 A INCLUSÃO DO ALUNO COM TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA (TEA) A INCLUSÃO DO ALUNO COM DEFICIÊNCIA INTELECTUAL

A INCLUSÃO DO ALUNO COM DISLEXIA
A INCLUSÃO DO ALUNO COM TRANSTORNO DO DÉFICIT DE ATENÇÃO COM HIPERATIVIDADE (TDAH)

AULA 5

ATENDIMENTO EDUCACIONAL ESPECIALIZADO (AEE)
DESENHO UNIVERSAL E TECNOLOGIA ASSISTIVA
AVALIAÇÃO TRADICIONAL VERSUS AVALIAÇÃO INCLUSIVA
GESTÃO DEMOCRÁTICA DA ESCOLA INCLUSIVA

AULA 6

RECURSOS PEDAGÓGICOS PARA O ATENDIMENTO EDUCACIONAL ESPECIALIZADO – AEE
SALAS DE RECURSOS MULTIFUNCIONAIS
COMPOSIÇÃO E TIPOS DE SALAS DE RECURSOS MULTIFUNCIONAIS
O PROFESSOR DO ATENDIMENTO EDUCACIONAL ESPECIALIZADO – AEE

BIBLIOGRAFIAS

- BLANCO, R. Aprendendo na diversidade: implicações educativas. In: Congresso Ibero Americano De Educação Especial, 3., 1998, Foz do Iguaçu. Anais... Disponível em: <http://entreamigos.org.br/sites/default/files/textos/Aprendendo%20na%20Diversidade%20-%20Implica%C3%A7%C3%B5es%20Educativas.pdf>.
- FERNANDES, S. Fundamentos para Educação Especial. Curitiba: IBPEX, 2007.
- GLAT, R. A integração social dos portadores de deficiência: uma reflexão. Rio de Janeiro: Sette Letras, 1995.

DISCIPLINA:

POLÍTICAS PÚBLICAS DE SAÚDE

RESUMO

Para falar de políticas públicas de saúde, é de fundamental importância que estudemos a origem do cuidado, as motivações para que ele aconteça e como a responsabilidade do cuidado se estabeleceu de forma oficial, tornando-se uma tarefa do estado, até que se expressasse na forma como conhecemos e denominamos hoje de políticas públicas de saúde. Vivemos, atualmente, uma onda de questionamentos a esse respeito em razão das recentes ondas migratórias, sobretudo de pessoas empobrecidas pelas guerras ou catástrofes, que buscam desesperadamente por outros locais onde possam viver com um pouco mais de segurança. As sociedades mais desenvolvidas no contexto social se manifestam de diversas maneiras, ora acolhendo, ora rejeitando os refugiados. No meio desta ambivalência de sentimentos, repete-se a pergunta que vem sendo feita desde os primórdios da organização da sociedade: De quem é a tarefa de cuidar? Esta disciplina nos levará a uma melhor compreensão das prioridades estabelecidas pelos governos e também como podemos contribuir para um cuidado melhor executado e mais justo.

CONTEÚDO PROGRAMÁTICO

AULA 2

O VAZIO ASSISTENCIAL
SANITARISMO CAMPANHISTA
PERÍODO MÉDICO ASSISTENCIAL PRIVATISTA
O INAMPS
O SISTEMA ÚNICO DE SAÚDE (SUS)

AULA 3

A ATENÇÃO PRIMÁRIA À SAÚDE
A ESTRATÉGIA SAÚDE DA FAMÍLIA
ESFS RIBEIRINHAS E FLUVIAIS
ESF PARA AS POPULAÇÕES EXTREMAMENTE VULNERÁVEIS
A NOVA PNAB E O DESAFIO DE QUALIFICAÇÃO DA APS

AULA 4

FORMATAÇÃO LEGAL DO SISTEMA
NOB 96 – O SUS MUNICIPAL
NOAS: 2002
O PACTO PELA SAÚDE DE 2006
OS TRÊS PILARES DO PACTO

AULA 5

OS OBJETIVOS DO MILÊNIO (ODM)
REDUÇÃO DA MORTALIDADE INFANTIL
REDUÇÃO DA MORTALIDADE MATERNA
A VIOLÊNCIA CONTRA A MULHER E A CRIANÇA
CONTROLE DO HIV/AIDS

AULA 6

O QUE É PROMOÇÃO DE SAÚDE?
A PROMOÇÃO DE SAÚDE E A EQUIDADE
A PROMOÇÃO DE SAÚDE E A FORMAÇÃO DAS REDES DE ATENÇÃO
A PROMOÇÃO DE SAÚDE E A CULTURA DA PAZ
A PROMOÇÃO DE SAÚDE NO BRASIL

BIBLIOGRAFIAS

- BUSS, P. M.; PELLEGRINI FILHO, A. Determinantes Sociais de Saúde. Physis: Rev. Saúde Coletiva, v. 17, n. 1, p. 77-93, Rio de Janeiro, 2007.
- MARCILIO, M. L. A roda dos expostos e a criança abandonada no Brasil colonial: 1726-1950. In FREITAS, M. C. (Org.). História social da infância no Brasil. São Paulo: Cortez, 1997.
- ROSEN, G. Uma história da saúde pública. 3. ed. São Paulo: Hucitec; Unesp, 2006.

DISCIPLINA:

EDUCAÇÃO INCLUSIVA APLICADA AS DEFICIÊNCIAS - VISUAL, AUDITIVA, FÍSICA E INTELECTUAL

RESUMO

É impossível tratar de inclusão na esfera educacional sem mencionar a Educação Especial. É por meio dela que a caminhada rumo à educação inclusiva se inicia. Dessa forma, será possível perceber que, apesar de ser uma necessidade social inerente, a inclusão, na maioria das vezes, não acontece de forma adequada. Para que isso ocorra, é necessário, primeiramente, que a sociedade entenda a diferença como uma característica construtiva que tende a agregar valores e um novo olhar sobre o meio em que estamos inseridos.

CONTEÚDO PROGRAMÁTICO**AULA 1**

O QUE É EDUCAÇÃO INCLUSIVA?

HISTÓRICO DA EDUCAÇÃO INCLUSIVA NO BRASIL
DÉCADA DE 1970, UM MARCO NA EDUCAÇÃO ESPECIAL
TRAJETÓRIA POLÍTICA DA EDUCAÇÃO INCLUSIVA NO BRASIL
DEFICIÊNCIA – CLASSIFICAÇÃO E CONCEITUAÇÃO

AULA 2

AS DIFERENTES NECESSIDADES ESPECIAIS DA PESSOA COM DEFICIÊNCIA
DEFICIÊNCIA VISUAL
DEFICIÊNCIA AUDITIVA
DEFICIÊNCIA FÍSICA
DEFICIÊNCIA INTELECTUAL

AULA 3

O QUE É ATENDIMENTO EDUCACIONAL ESPECIALIZADO E A QUEM ELE SE DESTINA
POLÍTICA EDUCACIONAL DA EDUCAÇÃO ESPECIAL NA PERSPECTIVA DA EDUCAÇÃO INCLUSIVA
RECURSOS EDUCACIONAIS ESPECIALIZADOS
RECURSOS EDUCACIONAIS DIRECIONADOS AOS DIFERENTES TIPOS DE DEFICIÊNCIA
ATUAÇÃO PSICOPEDAGÓGICA DOS PROFISSIONAIS NA EDUCAÇÃO INCLUSIVA

AULA 4

PANORAMA ATUAL DA EDUCAÇÃO INCLUSIVA
OS PARADIGMAS E A EDUCAÇÃO INCLUSIVA
EQUIPE MULTIDISCIPLINAR, UM DIÁLOGO POSSÍVEL
A IMPORTÂNCIA DA FAMÍLIA NO PROCESSO DE INCLUSÃO
OS DESAFIOS DA ESCOLA

AULA 5

APRENDIZAGEM E NEUROPLASTICIDADE
DIFICULDADES DE APRENDIZAGEM NO AMBIENTE EDUCATIVO
DIFICULDADE DE APRENDIZAGEM E A DEFICIÊNCIA
DIFICULDADE DE APRENDIZAGEM X TRANSTORNO DE APRENDIZAGEM
TIPOS DE TRANSTORNO DE APRENDIZAGEM

AULA 6

DOENÇAS CRÔNICAS E O AMBIENTE ESCOLAR
TRANSTORNO DE APRENDIZAGEM – DISGRAFIA
DISLEXIA
DISCALCULIA DO DESENVOLVIMENTO
TRANSTORNO DO DÉFICIT DE ATENÇÃO E HIPERATIVIDADE (TDAH)

BIBLIOGRAFIAS

- KASSAR, M. C. M. Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva: desafios da implantação de uma política nacional. Educar em Revista, Curitiba, n. 41, p. 61-79, jul./set. 2011, Ed. UFPR. Disponível em: <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=155021076005>.

- PAN, M. A. G. de S. O direito à diferença: uma reflexão sobre deficiência intelectual e educação inclusiva. Curitiba: InterSaberes, 2013.
- VIGOTSKY, L. S. Aprendizado e desenvolvimento: um processo sócio-histórico. São Paulo: Scipione, 2010. (Série Pensamento e Ação no Magistério).

DISCIPLINA:
FUNÇÕES COGNITIVAS, SENSORIAIS E MOTORAS
RESUMO
Qual é a relação da motricidade com os processos do pensamento? O comportamento motor tem, diretamente, uma relação com as emoções, a afetividade, o social? A resposta assertiva para essas questões é sim. O motivo que se pode investigar é que há uma interligação do pensar e da afetividade motriz. Para Wallon (Fonseca, 2008, p.15-16), a motricidade corresponde à primeira sequência paralela e simultânea que é criada estruturalmente relacionada com o meio, e é considerada um instrumento essencial dos processos de pensamento e suas interações com a vida de um modo geral. Outro ponto importante também citado por Fonseca (2008, p. 16-17) são as fases de maturação biológica referentes ao movimento e ao pensamento, desde os meses iniciais de vida, bem como na primeira fase do bebê na qual ele passa de deitado para sentado. Posteriormente, ele evolui do sentar para o engatinhar, em seguida para o andar e o correr, mas isso ocorre de acordo com a maturação e o envolvimento do ser junto ao meio social, ou seja, há uma demanda do ambiente por meio da influência de outros humanos ou até mesmo de estímulos relacionados a objetos, como brinquedos, roupas e outros acessórios, uma vez que a criança procura se relacionar com os objetos, o que é uma sociointeração, e, assim, tem construções de pensamento. A partir disso, tem uma maturação de outros processos cognitivos, como linguagem, memória, atenção, percepção, planejamento etc.
CONTEÚDO PROGRAMÁTICO
AULA 1 DESENVOLVIMENTO NEUROPSICOMOTOR E O APRENDIZADO EM DIVERSOS CONTEXTOS ASPECTOS NEUROBIOLÓGICOS DO COMPORTAMENTO MOTOR EMOÇÕES, AFETIVIDADE E O COMPORTAMENTO MOTOR PROCESSOS INTEGRADORES DA LINGUAGEM E O DESENVOLVIMENTO NEUROPSICOMOTOR PRÁTICAS PSICOPEDAGÓGICAS E PSICOMOTRICIDADE
AULA 2 LUDICIDADE E PSICOMOTRICIDADE PSICOGÊNESE, APRENDIZAGEM E DESENVOLVIMENTO CONTRIBUIÇÕES DA EPISTEMOLOGIA GENÉTICA DE PIAGET AO PROCESSO NEUROPSICOMOTOR APRENDIZAGEM E COORDENAÇÃO MOTORA FINA PLASTICIDADE CEREBRAL E COMPORTAMENTO NEUROPSICOMOTOR
AULA 3 PROCESSOS COGNITIVOS E COMPORTAMENTO MOTOR: PENSAR, AGIR E EXECUÇÃO BRINCADEIRA É COISA SÉRIA PARA A MENTE: QUANDO O BRINCAR CONTRIBUI PARA A MOTRICIDADE EDUCAÇÃO PSICOMOTORA E SUAS HABILIDADES MENTAIS VISUAIS PSICOMOTRICIDADE E FUNCIONAMENTO CORTICAL: INTEGRAÇÃO BIOLÓGICA E

O SOCIAL

PSICOMOTRICIDADE, PROCESSOS COGNITIVOS E NEUROFUNCIONALIDADE: A CONTRIBUIÇÃO DA ESCOLA RUSSA

AULA 4

NEUROPSICOMOTRICIDADE NA EDUCAÇÃO INFANTO JUVENIL: UM PREPARO PARA AS DEMAIS FASES DO DESENVOLVIMENTO

NEUROPSICOMOTRICIDADE, APRENDIZAGEM E ENVELHECÊNCIA

INTERVENÇÕES PSICOMOTORAS NAS FASES DO DESENVOLVIMENTO EM RELAÇÃO À DEFICIÊNCIA INTELECTUAL

TRANSTORNOS DE COORDENAÇÃO MOTORA E O APRENDER

DESENVOLVIMENTO PSICOMOTOR E FORMAÇÃO DE EDUCADORES

AULA 5

NEUROPSICOMOTRICIDADE NO CONTEXTO FAMILIAR

NEUROPSICOMOTRICIDADE COMO FERRAMENTA DO DESENVOLVIMENTO ESCOLAR

NEUROPSICOMOTRICIDADE, DEFICIÊNCIA MOTORA E ATIVIDADE FÍSICA

DESENVOLVIMENTO NEUROPSICOMOTOR NA MÚSICA

ATIVIDADE NEUROPSICOMOTORA, CRIATIVIDADE E JOGOS

AULA 6

PSICOMOTRICIDADE RELACIONAL E OS PROCESSOS PSICOLÓGICOS

PSICOMOTRICIDADE E NEUROCIÊNCIAS

PSICOMOTRICIDADE E NEUROPSICOLOGIA

PSICOPEDAGOGIA E NEUROPSICOMOTRICIDADE

PSICOLOGIA DO COMPORTAMENTO, ADAPTAÇÃO, APRENDIZAGEM E

PSICOMOTRICIDADE

BIBLIOGRAFIAS

- COSENZA, R.; GUERRA, L. Neurociência e educação. Porto Alegre: Artmed, 2009.
- GAZZANIGA, M. S. Ciência psicológica: mente, cérebro e comportamento. Porto Alegre: Artmed, 2005. p. 314 – 341.
- HOLANDA, V. N. et al. As bases biológicas do medo: uma revisão sistemática da literatura. Revista Interfaces: Saúde, Humanas e Tecnologia, v. 1, n. 3, 2013.

DISCIPLINA:

DIDÁTICA

RESUMO

Neste material serão abordados os seguintes assuntos: diferentes momentos históricos; estratégias pedagógicas; abordagens do processo didático; fundamentos e instâncias operacionais; paradigma da docência e planejamento e organização do ensino (objetivos, conteúdos, métodos e avaliação na escola e em outros espaços pedagógicos). Também iremos identificar os saberes didáticos; compreender diferentes formas e práticas de interação entre professores e alunos; selecionar conteúdos, objetivos, métodos, técnicas, recursos; planejar e organizar o ensino e avaliação; relacionar planejamento com a ação didática a partir da compreensão crítica da realidade escolar e entender a didática como prática social determinada histórica e socialmente.

CONTEÚDO PROGRAMÁTICO

AULA 1

INTRODUÇÃO À DIDÁTICA
CONCEITOS E OBJETIVOS
COMÊNIO: O PAI DA DIDÁTICA MODERNA
PERCURSO HISTÓRICO DA DIDÁTICA NO MUNDO
PERCURSO HISTÓRICO DA DIDÁTICA NO BRASIL

AULA 2

ENSINO E APRENDIZAGEM
DIDÁTICA INSTRUMENTAL E FUNDAMENTAL
MÉTODOS E TÉCNICAS DE ENSINO
PARADIGMAS DE ENSINO
TRÊS OLHARES DE ENSINO E APRENDIZAGEM: TRADICIONAL – APRENDER A
APRENDER – APRENDER A FAZER

AULA 3

SISTEMATIZAÇÃO COLETIVA DO CONHECIMENTO
O PROCESSO DE ENSINO NA ESCOLA
O PROCESSO DE APRENDIZAGEM
RACIOCÍNIO DEDUTIVO E INDUTIVO
A TAXONOMIA DE BLOOM

AULA 4

O PLANEJAMENTO NA EDUCAÇÃO: AÇÃO DIDÁTICO-PEDAGÓGICA ESSENCIAL
O PLANEJAMENTO ESCOLAR: TRABALHO DIDÁTICO-DOCENTE EM EQUIPE
O PLANEJAMENTO DE ENSINO: INTEGRAÇÃO ESCOLA E CONTEXTO SOCIAL
O PLANEJAMENTO DE AULAS: ESTRATÉGIAS DE MÚLTIPLAS ESCOLHAS
OS QUATRO PILARES PARA A EDUCAÇÃO DO SÉCULO XXI

AULA 5

O QUE SIGNIFICA "AVALIAÇÃO"?
TRÊS FUNÇÕES DA AVALIAÇÃO ESCOLAR
CARACTERÍSTICAS DA AVALIAÇÃO ESCOLAR
PROCEDIMENTOS AVALIATIVOS
O ERRO NO CONTEXTO DA AVALIAÇÃO

AULA 6

INTRODUÇÃO: SISTEMATIZAÇÃO COLETIVA DO CONHECIMENTO
PRINCÍPIO 1
PRINCÍPIO 2 E PRINCÍPIO 3
PRINCÍPIO 4
PRINCÍPIO 5

BIBLIOGRAFIAS

- LIBÂNEO, J. C. Didática. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2013.
- MARTINS, P. L. Didática. Curitiba: InterSaberes, 2012.
- MIZUKAMI, M. da G. N. Ensino: as abordagens do processo. São Paulo: EPU, 1986.

DISCIPLINA: TECNOLOGIAS ASSISTIVAS
RESUMO
Iremos discutir alguns aspectos históricos e conceituais acerca das tecnologias de uma forma geral, para que possamos refletir sobre as tecnologias assistivas, que se mostram como artefatos que viabilizam autonomia e acessibilidade para pessoas com deficiência. Ao tratar dessa temática, é importante pensar sobre o papel da tecnologia no nosso próprio cotidiano, na sociedade e nas diferentes culturas. Da mesma forma, é necessário compreender o quanto os recursos tecnológicos influenciam nossas vivências, nossos relacionamentos e as formas de interagirmos uns com os outros.
CONTEÚDO PROGRAMÁTICO
AULA 1 O QUE É TECNOLOGIA ASSISTIVA? BREVE HISTÓRICO DA TECNOLOGIA ASSISTIVA TECNOLOGIAS DA INFORMAÇÃO E COMUNICAÇÃO DESENHO UNIVERSAL
AULA 2 CONCEPÇÃO DE EDUCAÇÃO ESPECIAL LEI BRASILEIRA DE INCLUSÃO DA PESSOA COM DEFICIÊNCIA EDUCAÇÃO ESPECIAL NA LEGISLAÇÃO DOCUMENTOS INTERNACIONAIS
AULA 3 SALAS DE RECURSOS MULTIFUNCIONAIS AEE PARA ESTUDANTES COM DEFICIÊNCIA AEE PARA ESTUDANTES COM TEA AEE PARA ESTUDANTES COM ALTAS HABILIDADES/SUPERDOTAÇÃO
AULA 4 DEFICIÊNCIA INTELECTUAL E TECNOLOGIA ASSISTIVA COMUNICAÇÃO ALTERNATIVA E AUMENTATIVA SISTEMAS GRÁFICOS DESENVOLVIMENTO DE PROJETOS E SISTEMAS PARA CAA
AULA 5 ORIENTAÇÃO E MOBILIDADE AUDIODESCRIÇÃO E CÃO-GUIA PRODUTOS DE ALTA TECNOLOGIA E DEFICIÊNCIA VISUAL TECNOLOGIA ASSISTIVA NA ÁREA DA SURDEZ
AULA 6 ÓRTESES PRÓTESES E MEIOS AUXILIARES DE LOCOMOÇÃO ADAPTAÇÕES NO COMPUTADOR PROJETOS ARQUITETÔNICOS PARA ACESSIBILIDADE
BIBLIOGRAFIAS

- BASTOS, J. A. S. L. Educação e tecnologia. Curitiba: PPGTE/CEFETPR, 1998.
- EUROPEAN COMMISSION. Empowering Users Through Assistive Technology. 1998. Disponível em <http://www.siva.it/research/eustat/index.html>.
- FELIPE, A. A. C. Reflexões sobre as mudanças sociais motivadas pelo desenvolvimento tecnológico: a necessidade de instituir uma reflexão ética na utilização das tecnologias da informação e comunicação. Biblionline, João Pessoa, v. 8, n. 2, 2012.

DISCIPLINA: FUNDAMENTOS BIOLÓGICOS E PSICOLÓGICOS DA EDUCAÇÃO INCLUSIVA E ESPECIAL
RESUMO Nesta aula trataremos das questões relacionadas à aprendizagem, em especial seus aspectos psicológicos, com ênfase no aspecto afetivo, que envolve a identidade do aluno e sua interação com o grupo, bem como as diversas teorias que representam as formas de aprendizagem que a pessoa desenvolve no decorrer de sua vida, principalmente quando ingressa na escola, para adquirir um conhecimento sistematizado.
CONTEÚDO PROGRAMÁTICO
AULA 1 TEORIA DO CONSTRUTIVISMO PSICOGENÉTICO (JEAN PIAGET) TEORIA SOCIO INTERACCIONISTA OU CONSTRUCTIVISMO (LEV VYGOTSKY) TEORIA DA AFETIVIDADE (HENRI WALLON) TEORIA DAS INTELIGÊNCIAS MÚLTIPLAS (HOWARD GARDNER)
AULA 2 DEFICIÊNCIA FÍSICA NEUROMOTORA DEFICIÊNCIA INTELECTUAL SÍNDROME DE DOWN MICROCEFALIA E SÍNDROME DE GUILLAIN-BARRÉ (VÍRUS ZIKA)
AULA 3 O QUE SÃO OS TRANSTORNOS DE APRENDIZAGEM? ENVOLVENDO A LÍNGUA PORTUGUESA - LEITURA ENVOLVENDO A LÍNGUA PORTUGUESA - ESCRITA ENVOLVENDO A MATEMÁTICA
AULA 4 TRANSTORNOS DO ESPECTRO AUTISTA SÍNDROME DO DESENVOLVIMENTO DESINTEGRATIVO DA INFÂNCIA (SÍNDROME DE HELLER) TDAH (TRANSTORNO DE DÉFICIT DE ATENÇÃO E HIPERATIVIDADE) DEPRESSÃO INFANTIL
AULA 5 FATORES PRÉ-NATAIS FATORES PERINATAIS FATORES NEONATAIS FATORES PÓS-NATAIS

AULA 6

RESPEITO À DIVERSIDADE E CIDADANIA
AMBIENTE EM QUE O ALUNO VIVE/CURRÍCULO DA ESCOLA INCLUSIVA
PROFESSOR COMO MEDIADOR
AUTONOMIA E INSERÇÃO PROFISSIONAL DO PORTADOR DE
DEFICIÊNCIA/TRANSTORNO

BIBLIOGRAFIAS

- BALESTRA, M. M. M. A psicopedagogia em Piaget: uma ponte para a educação da liberdade. Curitiba: Ibpex, 2007.
- CARMO, J. dos S. Fundamentos psicológicos da educação. Curitiba: InterSaberes, 2012. (Série Psicologia em Sala de Aula).
- FERRARI, M. Howard Gardner, o cientista das inteligências múltiplas. Nova Escola, 1 out. 2008. Disponível em: [https://novaescola.org.br/conteudo/1462/h](https://novaescola.org.br/conteudo/1462/howard-gardner-o-cientista-das-inteligencias-multiplas) oward-gardner-o-cientista-das-inteligencias-multiplas.

DISCIPLINA:

METODOLOGIA CIENTÍFICA

RESUMO

A pesquisa científica investiga o mundo em que vivemos e a própria humanidade. Para tanto, recorremos à observação e à reflexão. Analisamos problemas relativos à realidade que nos cerca a partir do conhecimento produzido ao longo da história. Será que as respostas e soluções encontradas anteriormente ainda servem nos dias de hoje? Qual a melhor forma de intervir no mundo? Podemos buscar compreender a natureza, a sociedade e os seres humanos, transformando a nossa realidade? É fundamental nos lembrarmos de que a construção do conhecimento científico não é algo que se dá fora do contexto social. Muito pelo contrário: as pesquisas científicas fazem parte da cadeia produtiva.

CONTEÚDO PROGRAMÁTICO

AULA 1

INTRODUÇÃO
CIÊNCIA, CONHECIMENTO E SENSO COMUM
TRABALHO MONOGRÁFICO
TEMA, PROBLEMA, EIXO TEMÁTICO E DIRETRIZ
TIPOLOGIA DE PESQUISA

AULA 2

TÉCNICAS DE PESQUISA
O MÉTODO ESTATÍSTICO
ESTILO
O PROJETO DE PESQUISA

AULA 3

HIPÓTESES E OBJETIVOS
JUSTIFICATIVA
METODOLOGIA
NORMALIZAÇÃO

AULA 4

ELEMENTOS PRÉ-TEXTUAIS

ELEMENTOS TEXTUAIS

ELEMENTOS PÓS-TEXTUAIS

REGRAS GERAIS DE APRESENTAÇÃO DE UM PROJETO DE PESQUISA

AULA 5

REFERÊNCIAS

O ARTIGO CIENTÍFICO

REGRAS GERAIS DE APRESENTAÇÃO DE UM ARTIGO CIENTÍFICO

IMPORTANTE SABER

AULA 6

ELEMENTOS TEXTUAIS DA MONOGRAFIA

ELEMENTOS PÓS-TEXTUAIS DA MONOGRAFIA

ARTIGO OU MONOGRAFIA?

APRESENTAÇÃO (DEFESA)

BIBLIOGRAFIAS

- MORITZ, G., et al. A pós-graduação brasileira: evolução e principais desafios no ambiente de cenários prospectivos. XI Colóquio Internacional sobre Gestão Universitária na América do Sul / II Congresso Internacional IGLU. Florianópolis, 2011.
- OLIVEIRA, M. F. de. Metodologia científica: um manual para a realização de pesquisas em administração. Catalão: UFG, 2011. 72 p.
- REZENDE, S. M. Produção científica e tecnológica no Brasil: conquistas recentes e desafios para a próxima década. RAE, São Paulo, v. 51, n. 2, p. 202 - 209, 2011.